

O ano de 1988 tem-se revelado, até à data, pródigo em acontecimentos favoráveis ao processo de construção do que se convencionou chamar o Grande Magrebe.

Já em 1987, a queda do Presidente Bourguiba, em Novembro, havia propiciado o reatamento dos laços políticos entre a Tunísia por um lado, a Líbia e o Egipto por outro.

A 16 de Maio deste ano, foi consumado oficialmente o restabelecimento das relações diplomáticas entre a Argélia e Marrocos, os dois Grandes do Magrebe. Um mês depois, a 28 de Junho um comunicado conjunto publicado por ocasião da visita a Alger do nº 2 Líbio Abdessalam Jaloud, anunciava que "um projecto de união" entre a Argélia e a Líbia será submetido aos povos dos dois países, "para ser debatido e enriquecido, em Setembro de 1988". Um prolongamento inesperado da retomada das relações entre Alger e Rabat. Mas há mais: Durante uma visita efectuada à Líbia, de 6 a 8 de Agosto, do Presidente tunisino Ben Ali, (que para isso adiou a sua visita oficial aos Estados Unidos) o Coronel Kaddafi ofereceu-lhe um presente fabuloso: a exploração conjunta, com equitável repartição dos lucros, do plateau continental de Gabês, incluindo a zona rica em petróleo que ^{foi} atribuída, pelo Tribunal Internacional de Haya, à Líbia. Além disso, Kaddafi decidiu que 10% da produção dos jazigos de Bouri (10 milhões de toneladas) serão afectos ao financiamento de projectos Líbio-Tunisinos.

Por último, surge, em fins de Agosto, o Plano de Paz do Secretário Geral da ONU para o Sahara Ocidental, plano esse que obteria o acordo de princípio dos dois beligerantes.

Todos esses eventos atestam de uma grande dinâmica de aproximação entre os países da região, e de um levantar dos obstáculos ao projecto de integração Magrebina.

A necessidade objectiva dessa integração estará a impôr-se às forças dirigentes dos países do Magrebe, forçando-os a ultrapassar as suas rivalidades e jogos de interesse? O certo é que a situação socio-económica na maioria deles é bastante precária, sob o efeito conjugado de longas guerras, da baixa das receitas petrolíferas e de sistemas económicos e políticos inadequados. (Os recentes distúrbios na Argélia, as revoltas do pão em Marrocos, em 1985, os frequentes golpes ou tentativas de golpes de Estado na Mauritânia são manifestações visíveis desse mal-estar).

O Magrebe vê-se obrigado a unir-se para melhor enfrentar a crise actual e os desafios do futuro, nomeadamente face ao Grande Mercado Europeu que se anuncia para 1992.

No entanto cada um dos países do Magrebe, sobretudo os três grandes, não parece querer abdicar de um papel de liderança na região.

Assim, vários observadores explicam o projecto de união Argelino-Líbia como uma tentativa da Argélia para melhor controlar o líder líbio, e manter-se no comando do processo. O desagrado dos Argelinos foi manifesto, perante a espectacular aproximação Líbio-Tunisina.

Por outro lado, as novas relações Argelino-marroquinas suscitaram várias interrogações no interior da Argélia. Muitos viram, nessa reconciliação, um abandono da causa saraoui, e dos aliados tradicionais (a Líbia). Nessa perspectiva a aceitação da proposta Líbia de União. (recusada no ano passado) terá igualmente sido motivada por razões de política interna. Poderá também des

tinhar-se a exercer uma discreta pressão sobre os Marroquinos, mostrando-lhes que nada é irreversível. Ao ritmo a que vão as coisas, não tardará muito que o jogo se torne transparente. A forma como será solucionado o problema do Sahara Ocidental não deixará de ser decisiva para o futuro próximo da região.

Praia, 17 de Outubro de 1988

DIVISÃO ÁFRICA

